

POR UMA ESTÉTICA DAS CULTURAS DO SUL – ONDE O REALISMO SE CONFUNDE COM O MÍTICO¹

Florence Dravet²

flormd@gmail.com

Gustavo de Castro³

gcastro@unb.br

Resumo: O trabalho visa descrever e analisar uma estética que pode ser qualificada de brasileira: a estética do terror resultante das injustiças sociais unida à estética da festa e da alegria resultante de um vitalismo mítico e mágico. A metodologia consistiu em comparar dois pontos de vista: o primeiro, adotando o conceito de “carnavalização”, parte do ponto de vista de alguns sociólogos europeus, tais como Empoli e Maffesoli, para explicar a estética brasileira que ganha o mundo através do fenômeno de comunicação de massa globalizada; o segundo, adota o conceito de “antropofagia cultural” e propõe uma leitura latino-americana da realidade, situando sua estética no entrecruzamento de dois paradigmas, o *logos* e o *mythos*, para mostrar a existência no Brasil, de uma força estética resultante de um hibridismo cultural criativo.

Palavras-Chave: Estética brasileira, Hibridismo, Carnavalização.

INTRODUÇÃO

Quando o europeu vem ao Brasil, as desigualdades sociais lhe chama a atenção, a cada bairro residencial de classe média e alta, uma favela, a cada família abastada, seus empregados domésticos, ao lado dos desfiles de carros nas ruas, paradas de ônibus lotadas. Os contrastes são gritantes, os luxuosos condomínios fechados e suas milícias privadas, as recepções regadas a vinhos e champanhe, em jardins tropicais de mansões muradas, e do lado de fora, calçadas inacabadas, lixos espalhados, famílias dormindo em camas de papelão, crianças mendigando centavos nos sinais. A miséria assusta. Também lhe chama a atenção a atmosfera festiva em todos os lugares, os sorrisos estampados nos rostos, os abraços calorosos, as conversas animadas em bares e restaurantes, a presença constante da música, a

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estéticas da Comunicação”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

² Professora do Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília, Pós-doutora em Comunicação pela UnB, Doutora em Ciências da Linguagem pela *Sorbonne Nouvelle, Paris 3*.

³ Universidade de Brasília.

dança a qualquer oportunidade, a sensualidade no andar e no exhibir dos corpos, a alegria de viver, a força vital transbordante da natureza presente nas pessoas e nas cidades.

Alguma coisa parece não fazer sentido. O inaceitável é, ao mesmo tempo, encantador. À estética do terror (muros, grades, cercas elétricas, milícias privadas, vigias armados, carros de vidros pretos, etc.) e da injustiça, une-se a estética da festa e da alegria (carnaval, futebol, música, dança, natureza exuberante das praias e da vegetação, etc.). Em meio à racionalidade a favor da ordem e do progresso inscritos na bandeira nacional (orgulho das elites brasileiras), sensualismo, magia e misticismo emergem e transbordam de força vital. Como podem ser compreendidas essas aparentes contradições? Como podem ser vividas no cotidiano? Que tipo de estética pode delas resultar? Ou melhor, como podemos compreender a estética brasileira?

Experimentaremos aqui dois pontos de vista que nos conduzirão a dois tipos de análises a serem consideradas. A primeira, adotando o conceito de “carnavalização” do mundo, parte do ponto de vista de alguns sociólogos europeus como Empoli e Maffesoli para explicar que aquilo que chamamos aqui de estética brasileira está ganhando o mundo notadamente através do fenômeno da comunicação de massa globalizada. A segunda, adotando o conceito de “antropofagia cultural” propõe uma leitura latino-americana da realidade brasileira, situando sua estética no entrecruzamento de dois paradigmas, o do *logos* e o do *mythos*, para mostrar que, muito além da carnavalização, existe no Brasil uma força estética resultante de um hibridismo cultural criativo.

A CARNAVALIZAÇÃO DO MUNDO (UMA LEITURA OCIDENTAL DA ESTÉTICA BRASILEIRA)

O intelectual europeu terá dificuldade em entender e explicar com suas próprias referências, isso que propomos aqui chamar de uma estética brasileira. Estética que pode ser interpretada como espelho alegórico de uma estética de massa que está ganhando o mundo através do fenômeno que Giuliano da Empoli chamou de “carnavalização do mundo” ou ainda “democratização da orgia”:

Como não ver o caráter carnavalesco dos ritos coletivos pelos quais celebramos nos estádios, na televisão, nas ruas, a efervescência irresistível da vida social? Ou o das pequenas manifestações individuais que adquirem cada vez mais valores coletivos: o culto ao corpo, a obsessão pelo sexo – da qual não nos libertamos mais desde os anos 60 – as novas manias ligadas aos

prazeres da mesa, a difusão crescente das drogas legais e ilegais, etc.?
(EMPOLI, 2006, p.29-30).

O autor explica que o elemento novo da carnavalização reside em um único ingrediente: os prazeres precedentemente reservados às elites e dissimulados aos olhos profanos, são agora acessíveis e amplamente divulgados para as massas cada vez mais numerosas e, desta forma, tornam-se ainda mais populares (vulgares podemos dizer). Podemos acrescentar que essa difusão do hedonismo a todas as classes sociais também se acresce da difusão no tempo: o carnaval não tem mais data para acontecer, ele é vivido todo o tempo, o ano todo. “Carnaval fora de época” disseram os promotores da difusão dos prazeres da festa no Brasil. Hoje, não há necessidade de justificar: a orgia precede e sucede aos noticiários nos meios de comunicação todos os dias: programas de auditório, *reality shows*, novelas e seriados diversos nos canais de televisão mostram e convidam. A todo o momento, existe um hedonismo constante que chega a extirpar da pornografia um dos seus principais sabores: o gosto pelo ilícito. Para os novos leitores, há os livros de confissões eróticas que batem recordes de venda; e para os mais *cult*, existe ainda o cinema de autor que não pode mais dispensar cenas de sexo explícito.

Não se trata somente do sexo, o culto aos prazeres da mesa também está crescente. É tema de conversação e motivo para a banalização de pratos de todas as origens, da cozinha grega, à indiana, passando pela indonésia, a italiana e a japonesa, com, no topo da linha, a cozinha *fusion* que ultrapassa todas as regras, todas as fronteiras e todas as lógicas para abrir alas às sensações, misturando o mais simples com o mais sofisticado, o nórdico com o tropical, etc. Multiplicam-se os restaurantes gastronômicos, intensifica-se o comércio de produtos os mais exóticos nos supermercados, mas sobretudo surge uma indústria de revistas periódicas, livros, programas de rádio e televisão, o jovem e divertido Jamie Oliver, nova estrela da gastronomia midiática, exemplifica esta situação. Aquilo que antes era dissimulado em códigos de boa conduta e livros de economia doméstica, aquilo que um dia foi pecaminoso, hoje é motivo de alegria coletiva.

No centro de todas as preocupações está o corpo que deu lugar a todo tipo de culto: salas de ginástica, produtos cosméticos e salões de beleza, indústria farmacêutica, tratamentos os mais improváveis (argilas, óleos, agulhas, ventosas, bandagens, jatos, banhos), e a explosão do número de cirurgias estéticas com cada vez mais gente trocando a viagem nas férias por uma redução de estômago ou uma lipoaspiração. Corpos padronizados, reconstruídos por encomenda se agitam coletivamente nos estádios e nas orgias esportivas e musicais, no escuro

das boates e nas telas dos computadores equipados de webcams e programas de bate-papo com direito a som e imagem. O novo modo de relacionamento é coletivo, nada de intimidade. O indivíduo quer encontrar seu próximo, tocá-lo, mas não faz questão de conhecê-lo.

O novo amor também é coletivo, não exige responsabilidade individual. E nenhuma religião tem hoje a força necessária para justificar qualquer discurso moralista ou censor. Em matéria de sexo e estética corporal, nem o romantismo pode mais usar o argumento do amor. O novo erotismo carnavalizado já não tem mais a ver com nada disso. Trata-se de viver o presente, de esquecer o passado e, sobretudo, de não pensar no futuro: este último é muito incerto, por vezes, tão ameaçador que é melhor não se gastar tempo pensando nele: *friendship with benefits* é o novo modo de relacionamento mais popular entre os jovens⁴.

Mas não é só o hedonismo que caracteriza a nova carnavalização. Pois o homem é carne, mas também é espírito e não pode ignorá-lo. Por isso, a carnavalização do mundo também inclui a busca por receitas para o bem-estar espiritual. Sem teleologia nem teologia, acima de qualquer maniqueísmo, a nova cultura necessita chamar as forças para perto. Não importa que nome ele tenha, existe um deus que pode até se multiplicar em vários e que conduz a ordem do universo, aparentemente tão mal conduzida pelos homens. Afinal, hoje todos sabem que o ser humano não foi capaz de cuidar do seu planeta. A única coisa que se pede é que esse deus não exija que se vá à missa todo domingo, nem que ele queira regular os modos de vida e ditar cotas de prazer autorizado. A sociedade carnavalizada quer liberdade. E quer transitar. Nada de tribos fechadas, nem clãs, nada de fronteiras invisíveis. Isso ficou para o curto período do pós-moderno. Ocorre agora um fenômeno de busca por soluções espirituais que, do ponto de vista do intelectual europeu, pode ser interpretado como a constituição de um verdadeiro “*self-service* da alma” (EMPOLI, 2006, p. 73).

No Brasil, o que ficou conhecido como o sincretismo religioso pode assim ser compreendido. Já que precisamos de nossa liberdade de culto, adotamos os nomes da religião dominante e rebatizamos nossos deuses com os nomes dos santos. Então, temos o Candomblé que, supostamente, celebra Oxalá tal qual celebra a Deus o Pai, Yemanjá seria a Virgem Maria, Oxossi é São Sebastião, Ogum se transforma em São Jorge e Exu só poderia ser o Diabo. Mas, aos poucos foram aparecendo novas necessidades no Brasil, a necessidade de uma assimilação cultural mais ampla e de sincretizar outras crenças. Criamos então a Umbanda, que mistura elementos de religiões africanas, indianas, indígenas e européias. Isso é possível? E pode obedecer a alguma forma de racionalidade? Uma análise rápida responde:

⁴ Entenda-se jovens por crianças, adolescentes e adultos, porque no mundo carnavalizado, todos têm direito a ser jovem)

só se for a lógica do consumo: escolho o que me convém, dentro das minhas possibilidades e adquiero. “Hoje, a moda já não é feita de tribos que se olham como lobos de louça, e sim um gigantesco reservatório dentro do qual cada um busca o que mais lhe interessa” (BARILE apud EMPOLI, 2006, p.83). Se valer para a moda, vale para qualquer outra coisa, já que a moda atinge todos os segmentos do consumo.

No mundo carnalizado, a dinâmica da modernidade vive o culto da inovação constante que gera frustrações e insatisfações permanentes. Tal lógica gera, por sua vez, necessidades espirituais de superação. Por outro lado, a emancipação religiosa tradicional gera a perda de identidade espiritual. Diante disso, qualquer coisa serve: levados às telas de cinema depois de ter sido literatura, *Harry Potter*, *O senhor dos anéis* ou as mais recentes séries vampirescas abordam universos paralelos de possibilidades onde as almas perdidas buscam fontes inspiradoras para suas certezas e incertezas. O Yoga, a Astrologia e o Tarô também oferecem possibilidades de encontro consigo mesmo reconfortantes para as almas livres – desamparadas? - de qualquer instituição religiosa.

Para além do consumismo, Maffesoli atribui a corrida aos mais diversos remédios da alma a um fatalismo generalizado:

O fato de que as coisas sejam percebidas como ineluctáveis, de que os mesmos fenômenos sempre voltem, o fato de que tudo siga obscuramente seu curso sem que seja possível, verdadeiramente, intervir, o recurso à vidência ou outras formas de predição, assim como a religiosidade ambiente, tudo isso é sinal de um tipo de aceitação da fatalidade, índice da substituição da História de curso racional sobre o qual podemos agir, pelo destino que se deve assumir. (MAFFESOLI, 2000, p. 30).

No Brasil dos Orixás, de fato, deus é múltiplo. O que faz Empoli também explicar o novo espírito de tempo como uma submissão ao fatalismo generalizado aliado a uma necessidade de explicação para a ordem desordenada da sociedade carnavalesca:

A coabitação com os deuses ensinou aos brasileiros, como a todos os povos politeístas, a celebrar suas glórias e benfeitorias, mas também a suportar as cóleras e os caprichos dos deuses. Os deuses, sabemos, não brilham pela sua moralidade. Aqui, seu papel é mais de manter uma promiscuidade calorosa que de encarnar uma necessidade absoluta. O homem brasileiro não suporta a distância. Portanto, seus deuses também lhe são próximos e familiares. Eles nem sempre vêm acudir-lo. Às vezes, pelo contrário, eles lhe dão o pior de si. Mas contribuem para fornecer sentido a um mundo onde os erros se repetem eternamente, como todo o resto. (EMPOLI, 2006, p.110).

Ao final de sua análise, o sociólogo italiano conclui por uma necessária aceitação da nova carnavalização do mundo e uma negação do progressismo que consistiria em ir contra a nova tendência estética: nada mais temido pelos progressistas oriundos da filosofia das Luzes do que o carnaval como explosão pagã e popular incontrolada. De fato, como pode o intelectual aceitar a manifestação da paixão instantânea e corporal que chega a questionar o fundamento de sua identidade: o culto do progresso e da razão? Não se trata para Empoli de negar hedonismo e consumo de massa e a nova estética, e sim de tolerá-las e reconhecê-las, apesar dos pesares, como únicas forças democráticas capazes de vencer os totalitarismos do século XX e as ameaças de integristas do século XXI.

Tal é o verdadeiro desafio: fazer com que a carnavalização coincida com o alargamento das possibilidades oferecidas a cada um de realizar suas aspirações em função de seus gostos, em uma sociedade na qual o futuro se dilata infinitamente, na qual experiências com novas formas de vida individual e social interagem e se reforçam mutuamente. (...) o preâmbulo a qualquer ação positiva é a aptidão a restabelecer um canal de comunicação com as massas carnavalizadas: as que, para fugir da peste, se refugiaram na orgia permanente. (EMPOLI, 2006, p. 144-149).

É justamente por isso, para poder restabelecer um canal de comunicação, que é preciso considerar melhor no conhecimento e, sobretudo, na compreensão dessa cultura carnavalizada.

O REALISMO MÁGICO OU O HIBRIDISMO DOS PARADIGMAS *MYTHOS* E *LOGOS* – UMA LEITURA LATINO-AMERICANA DA ESTÉTICA BRASILEIRA

Já se falou muito, ao menos aqui no Brasil, na capacidade da cultura em engolir, processar e transformar os elementos culturais vindos de fora. O famoso conceito de Antropofagia Cultural, de Oswald de Andrade e do Modernismo após a Semana de 1922, só poderia ser brasileiro. Talvez não se tenha ainda tomado consciência da importância dessas transformações e do poder criativo que as culturas da América Latina possuem em suas características híbridas. Talvez, os próprios latino-americanos não dêem a devida importância a essa competência antropofágica e às possibilidades criativas e inovadoras que ela proporciona. É que existe, por parte das elites brasileiras, uma resistência muito forte em aceitar o hibridismo, e uma tendência progressista eurocentrada que contribui para

menosprezar as forças da própria cultura. Foram os artistas, poetas, músicos e artistas plásticos, que melhor reconheceram o potencial da superabundância vital que os rodeava:

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos [...]. Obuses de elevadores, cubos de arranha-céus e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil. (ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Pau Brasil*, 1922).

Segue Gilberto Freyre que ao valorizar a pluralidade, a tolerância e a dimensão cordial do modo de relacionamento do brasileiro, deu um novo ânimo a gerações de artistas que souberam explorar os recursos da cultura brasileira. Guimarães Rosa, Jorge Amado e Mário de Andrade na literatura; Pixinguinha, Vinícius de Moraes, Chico Buarque e Luis Gonzaga, na música; Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Walter Salles no cinema, entre outros. Os artistas brasileiros talvez sejam a mais alta intelectualidade do país e os que melhor entenderam o hibridismo entre uma cultura poética da oralidade genuinamente brasileira (indígena e negra) e uma cultura racional da escrita vinda diretamente do colonizador português e da dominação européia nas instituições do país. Afinal, como diz José Miguel Wisnik, professor de Teoria Literária na USP e compositor brasileiro, “no Brasil, a cultura escrita literária nunca se implantou completamente. A música é a junção das duas culturas. O Brasil foi direto de uma cultura predominantemente oral para a cultura midiática” (Entrevista In: SOLBERG, 2008). A esse respeito e a propósito da literatura da Martinica, Glissant também advertiu “Talvez não devemos esquecer que podemos servir à conjunção complexa da escrita e da oralidade. Trazer assim nossa parte à expressão de um homem novo, liberado dos absolutos da escrita e dominando uma nova audiência da voz” (GLISSANT, 1981, p. 200).

O filme “Palavra Encantada” (SOLBERG, 2008) mostrou a riqueza do diálogo entre culturas que constitui uma nova cultura híbrida, que se encontra na vanguarda do que vem ocorrendo no resto do mundo: essa brasileirização do mundo que merece ser entendida não apenas em sua dimensão carnavalesca, mas também em sua dimensão poética, sua capacidade em vivenciar uma realidade incerta, onde as dimensões mágicas e míticas são paradigmas para o conhecimento e não formas primitivas de concepção do mundo.

Um escritor latino-americano entendeu e explorou isso melhor que ninguém: Gabriel García Márquez publicou uma crônica onde mostrou como seu editor espanhol, de passagem por um dia em Cartagena, na Colômbia, teve que aprender com uma rapidez estonteante e no

mínimo arrebatadora o realismo mágico latino-americano. A crônica tem por título “Um domingo de delírio” e narra um domingo real numa cidade real de um país real da América Latina. Mas nesse continente, nessas culturas, as pessoas vivem e sentem, ouvem se movem e conseqüentemente percebem e dizem o mundo de uma forma diferente do que acontece em outros lugares, na Espanha por exemplo. E não é a língua que é diferente. É o que se coloca nas palavras. Talvez o que muda seja a própria realidade das palavras. Aqui, trechos da crônica que revelam essas diferenças e a sucessão de aparentes delírios, no entanto, tão reais:

O delírio começou, no próprio aeroporto. Eu nunca observara, até que ele me fez notar, que as portas de embarque e desembarque são impossíveis de distinguir. De fato, há uma com um aviso que diz: ‘Saída de passageiros’ e por ela saem os que vão entrar nos aviões. Há outra porta com outro aviso que diz a mesma coisa ‘Saída de passageiros’ e é por ali que saem os passageiros que chegam. (...) – Não se deve ligar para os letreiros – explicou-nos um agente de polícia de turismo – aqui todo mundo sabe por onde se entra e por onde se sai.

(...) Enquanto conversávamos chegou uma neta para nos contar que na noite anterior se desdobrara em duas: - Quando voltei do banheiro – me disse – me encontrei comigo mesma que ainda estava na cama.

Pouco depois, chegaram 3 irmãs e 2 irmãos, dos 16 que somos ao todo. Uma delas, que foi freira até há pouco, meteu-se numa discussão sobre religiões comparadas com um irmão que é mórmon. Outro irmão mandara fazer uma mesa sob medida, mas quando voltou a medi-la em casa, ela estava menor do que na carpintaria: - É que no Caribe, não há dois metros iguais, disse.

(...) Outra irmã tocava ao piano a serenata do quarteto número cinco de Haydn. Ponderei-lhe que tocava com tanta rapidez que parecia uma mazurca. – É que só toco piano quando estou acelerada – me disse – Toco para tentar me acalmar, mas a única coisa que consigo é acelerar também o piano.

Estávamos assim, quando bateu à porta uma irmã de minha mãe, a tia Elvira, de 84 anos, a quem não víamos havia 15 anos. Vinha de Riohacha, num táxi expresso, e envolvera a cabeça com um velho pano preto para se proteger do sol. Entrou feliz com os braços abertos e disse para que todos ouvissem: - Venho me despedir, porque já estou quase morrendo. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p. 127-130)

Esta crônica parece mentira aos olhos de um leitor europeu ou de qualquer leitor blasé, parece uma série de acontecimentos plausíveis reunidos para efeito retórico. Contudo, foram vividos em um dia só e foram “a maior lição de realismo mágico”, recebida pelo editor espanhol de García Márquez. Não deve ter sido fácil de admitir... Mas nós no Brasil também compartilhamos esse tipo de realidade e sabemos que o nosso realismo cotidiano é diferente do realismo europeu. Aqui, a realidade é mais literária, mais mítica, mais mágica. Aqui, o hemisfério sul “comeu” o hemisfério norte e dessa assimilação nasceu uma cultura do Sul, com uma estética própria. Uma estética, como frisa Boaventura Santos (2009), cuja diferença

básica em relação à do Norte é a inclusão do máximo de experiências de conhecimentos do mundo (incluindo, depois de reconfiguradas, as próprias experiências de conhecimento do Norte). Não se trata, portanto, de fortalecer o Sul numa postura combativa ao Norte; mas de subverter modos de entendimento do mundo em que está implícita uma lógica binária, combativa, intolerante e com pretensões de universalização. O martiniquês Édouard Glissant (1981) vai na mesma direção e entende, em relação a nosso tempo, uma espécie de mudança de imaginário, em que a idéia de um universal generalizante não mais impera, e sim a idéia de um caos-mundo, onde a fragmentação é substituída pelo múltiplo contido na unidade, exatamente à imagem dos nossos deuses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para não concluir e deixar as portas abertas para reflexões que sejam frutíferas acerca das possibilidades de leitura dessa estética brasileira, que parece ganhar o mundo, retomemos o exemplo do sincretismo religioso no Brasil. É necessário entender que as relações de assimilação entre deuses da tradição africana Yorubá e santos da religião Católica existiram de fato como forma de resistência dos escravos negros diante da imposição cultural branca e da negação de seus cultos. Não se trata apenas de uma mascarada conveniente à manutenção de crenças primitivas e sim do fruto de um processo cultural muito mais complexo onde o brasileiro mostrou-se capaz não apenas de mascarar sua realidade africana atrás de nomes ocidentais, mas também de estabelecer vínculos fortes entre visões cosmogônicas aparentemente incompatíveis.

No Brasil, onde o racionalismo não pode atuar, outras racionalidades aparecem: o mito sustenta e universaliza aquilo que o racionalismo aplicado aqui e agora não admite; o mágico abre novas possibilidades de explicação do universo do desconhecido; o poético explora essas possibilidades no âmbito da linguagem com adequações entre sons, imagens e sentidos, dando lugar a essa estética brasileira que é tão poética quanto carnavalesca. A América Latina talvez seja o continente onde o improvável melhor se sustenta. Não surpreende que seja aqui que se vivenciam com uma naturalidade espantosa as tensões aparentemente insustentáveis entre o sentimento do trágico e a estética da alegria. Afinal, aqui *Dionisos* e o Diabo têm o mesmo nome: Exu. E é nas encruzilhadas que ele é saudado. Entre *Mythos* e *Logos*.

FLORENCE DRAVET
GUSTAVO DE CASTRO

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Pau Brasil*, 1922. Disponível em: <http://www.arq.ufsc.br/arq5625/modulo2modernidade/manifestos/manifestopaubrasil.htm>. Acessado em 18/02/2010.

EMPOLI, Giuliano da. *La peste et l'orgie*. Paris: Grasset, 2006.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Obra jornalística completa*. Vol. V Crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.

MAFFESOLI, Michel. *L'instant éternel: le retour du tragique dans les sociétés post-modernes*. Paris: Denoël, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa et alli. *Epistemologias do Sul*. Lisboa: Almedina, 2009.

SOLBERG, Helena. *Palavra encantada*. Brasil: 2008. 84 minutos.